

O PODER DO CÉREBRO BILÍNGUE: COMO A EMOÇÃO E A MOTIVAÇÃO MOLDAM A APRENDIZAGEM NA ADOLESCENCIA.

**THE POWER OF THE BILINGUAL BRAIN: HOW EMOTION AND MOTIVATION SHAPE LEARNING IN
ADOLESCENCE.**

Arthur Fernando da Silva Gomes¹

Graduado em Letras/Inglês e Especialista em Língua Inglesa e Educação Bilíngue. E-mail:
arthurfernandogomesx@gmail.com

Victor Ramos da Silva²

Graduado em Letra – Português / Inglês e Pedagogia, Especialista em Gestão Educacional, Psicopedagogia, Psicologia,
Mestre em Estudos de Linguagem e Doutorando em Neurociência da Linguagem. victorramossilva@gmail.com

RESUMO

Devido ao advento de programas bilíngues na educação brasileira, a neurociência com ênfase na aquisição da língua adicional tem ganhado destaque como uma ferramenta fundamental para compreender os processos de aquisição de uma segunda ou múltiplas línguas para adolescentes do ensino fundamental anos finais.

Apesar da vasta área que neurociência pode abordar, estudos nesse campo mostram como o cérebro reage à aprendizagem de diferentes idiomas, evidenciando benefícios cognitivos, com maior capacidade de concentração, melhora na memória de trabalho e maior flexibilidade mental. Além disso, estudos apontam que a emoção e a motivação são elementos que estão diretamente relacionados aos estímulos que influenciam e envolvem a aprendizagem e que esses conjuntos químicos e neurais estimulam na aprendizagem

Palavras-chave: Emoção; Motivação; Aprendizagem; Cérebro Bilíngue.

ABSTRACT

Due to the advent of bilingual programs in Brazilian education, neuroscience with an emphasis on additional language acquisition has gained prominence as a fundamental tool for understanding the processes involved in acquiring a second or multiple languages for teenagers who are in the secondary school.

Although neuroscience covers a vast range of topics, studies in this field reveal how the brain reacts to learning different languages, highlighting cognitive benefits such as improved concentration, enhanced working memory, and greater mental flexibility.

Moreover, research indicates that emotion and motivation are elements directly linked to the stimuli that influence and engage learning. These chemical and neural processes play a critical role in stimulating the learning experience.

Keywords: Emotion, Motivation, Learning, Bilingual Brain.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um período de intensas transformações neurobiológicas que afetam diretamente os processos de aprendizagem, bem como a forma de interação com o meio social. Trata-se de uma fase caracterizada pela alta plasticidade cerebral, em que mecanismos de reorganização neural favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas superiores. Nesse cenário, a aprendizagem bilíngue destaca-se como uma estratégia relevante, não apenas por ampliar oportunidades culturais e profissionais, mas também por promover benefícios cognitivos respaldados por evidências da neurociência, como a melhoria da memória de trabalho, o aumento da flexibilidade cognitiva e o aprimoramento das funções executivas.

Entretanto, a aquisição de uma segunda língua transcende a prática mecânica da repetição e memorização. Estudos contemporâneos apontam que fatores emocionais e motivacionais exercem papel decisivo na eficácia do processo de aprendizagem linguística, especialmente durante a adolescência. Emoções positivas, como o entusiasmo e a confiança, contribuem para a consolidação de novas aprendizagens ao potencializar a formação de redes neurais e fortalecer a retenção de informações. Nesse sentido, a motivação intrínseca surge como um elemento central para a construção de experiências de aprendizagem mais significativas e duradouras.

Dessa forma, investigar a interação entre emoção, motivação e aquisição de uma segunda língua no cérebro adolescente é fundamental para a formulação de práticas pedagógicas mais eficazes nos anos finais do Ensino Fundamental. Compreender essa dinâmica implica reconhecer a necessidade de abordagens educativas que integrem aspectos cognitivos e socioemocionais, promovendo, assim, um processo de ensino-aprendizagem mais humanizado, inclusivo e alinhado às especificidades do desenvolvimento adolescente.

COMO O CÉREBRO BILÍNGUE DESENVOLVE MAIOR PLASTICIDADE E HABILIDADES COGNITIVAS?

Inicialmente, vamos abordar brevemente o conceito de plasticidade cerebral e sua importância nas questões do desenvolvimento do indivíduo bilíngue na adolescência.

A neuroplasticidade, ou plasticidade neural, refere-se à capacidade de adaptação do Sistema Nervoso Central (SNC). É por meio dela que o organismo consegue alterar suas propriedades fisiológicas em resposta ao ambiente, ou seja, trata-se da habilidade do cérebro de aprender e se reprogramar por meio das conexões entre os neurônios, conhecidas como sinapses neurais. De acordo com Amaral e Guerra (2020), todos os comportamentos e atividades mentais do ser humano emergem da atividade do sistema nervoso, envolvendo fenômenos químicos e elétricos que ocorrem nos diversos conjuntos de neurônios que integram as redes neurais.

Assim como o cérebro, o ser humano é complexo, e as experiências de vida são extremamente importantes para que o cérebro ative seus 86 bilhões de neurônios, permitindo que eles trabalhem, capturem informações e as processem com o objetivo de traçar novos caminhos e, assim, promover o desenvolvimento da aprendizagem.

A aquisição de uma língua estrangeira, no nosso caso o inglês como língua adicional, pode ser altamente benéfica para questões relacionadas à cognição. Isso ocorre porque a cognição está diretamente associada aos processos de aquisição, processamento, armazenamento e uso de informações. Bialystok (2008) afirma que indivíduos que falam uma segunda língua demonstram um aumento da densidade da substância cinzenta na região inferior esquerda do córtex parietal.³

Embora esse fenômeno seja mais evidente no cérebro bilíngue das crianças, os benefícios cognitivos também são observados em adolescentes. Estudos indicam que aprender e usar uma **segunda** língua estimula habilidades como flexibilidade mental, atenção seletiva e memória de trabalho, contribuindo para o fortalecimento das conexões neurais e o desenvolvimento contínuo do cérebro. Conforme o indivíduo usa intensamente seu repertório linguístico, ele melhora sua competência na L2. Com isso, o esforço cognitivo entre suas línguas se equilibra, pois o desempenho na L2 exige menos esforço mental. (Finger, 2024)

Assim, a aprendizagem de uma língua adicional, independentemente da idade, é uma prática enriquecedora para o desenvolvimento cognitivo. Amaral e Guerra (2020) quando ocorre a redução da espessura do córtex cerebral devido a um rápido processo de eliminação de sinapses e alterações nos prolongamentos axonais e dendríticos em várias regiões

corticais, especialmente na área pré-frontal, que desempenha um papel crucial no raciocínio, no planejamento e na comunicação social.

INGLÊS É APRENDIDO EM NÍVEL DE PROFICIÊNCIA SOMENTE QUANDO CRIANÇA?

A questão sobre o momento mais apropriado para aprender uma segunda língua tem sido amplamente discutida, especialmente com o crescente entendimento de que a exposição precoce a um idioma adicional pode influenciar a fluência e a proficiência na língua-alvo. A ideia de que quanto mais cedo alguém for exposto a uma língua adicional, maior será sua capacidade de dominá-la tem se disseminado amplamente, o que leva muitos pais a se questionarem sobre a melhor idade para iniciar esse aprendizado. Contudo, essa concepção não é necessariamente um mito neurológico, já que é amplamente reconhecido que as crianças possuem uma maior facilidade para aprender novos idiomas em comparação com adultos. De acordo com as investigações de Finger (2024, apud Bialystok et al., 2012; Bialystok, 2017; Grundy et al., 2017), o processo de aquisição de uma segunda língua, independentemente da idade em que é iniciado, traz consigo uma série de efeitos significativos no desenvolvimento cognitivo e neurobiológico do indivíduo. Tais efeitos são observados não apenas nas habilidades linguísticas adquiridas, mas também em aspectos mais amplos da capacidade cognitiva, como a memória, a flexibilidade mental e a capacidade de resolução de problemas. A exposição a um novo idioma, portanto, não se limita à simples aquisição de vocabulário e gramática, mas envolve uma reconfiguração das estruturas cerebrais, que se adaptam e se reorganizam de acordo com as novas demandas linguísticas.

Os estudos neurocientíficos comprovam que o cérebro infantil é mais plástico, ou seja, possui uma capacidade superior de adaptação e de formar novas conexões neurais, facilitando assim o aprendizado de línguas estrangeiras. No entanto, a plasticidade cerebral não se limita à infância, e, portanto, o aprendizado de uma segunda língua não está restrito a essa fase da vida. O fato de o cérebro ser mais flexível na infância não implica que a aprendizagem de um novo idioma seja impossível ou menos eficiente em outras etapas da vida.

De fato, embora a infância seja uma fase privilegiada para a aprendizagem de línguas, não se pode afirmar que adolescentes ou adultos sejam incapazes de atingir altos níveis de proficiência, especialmente em línguas como o inglês, amplamente ensinada e falada em contextos globais. Como ocorre em outras áreas do conhecimento, como a matemática, o desenvolvimento da proficiência linguística exige um compromisso contínuo com a prática e o aprimoramento. A teoria é, sem dúvida, um componente essencial para a compreensão das bases estruturais e gramaticais de uma língua; no entanto, é a prática regular que propicia uma evolução tangível na fluência e na compreensão de uma língua estrangeira. Nesse sentido, a combinação equilibrada entre teoria e prática se revela como o caminho mais eficaz para o domínio linguístico, independentemente da idade do aprendiz.

Portanto, embora a criança tenha, sem dúvida, uma vantagem inicial no processo de aquisição linguística devido à maior plasticidade cerebral, é importante ressaltar que, com dedicação e métodos de ensino apropriados, adolescentes e adultos também são plenamente capazes de alcançar níveis elevados de competência em um idioma adicional. O aprendizado de uma língua não deve ser visto apenas como uma fase da vida, mas como um processo contínuo e acessível em diferentes idades, desde que haja um esforço consistente e um ambiente estimulante de aprendizagem.

O IMPACTO DO BILINGUISMO NA MEMÓRIA E NA CAPACIDADE DE RESOLVER PROBLEMAS

Até O momento Observamos alguns Aspectos importantes relacionados ao cérebro e a educação bilíngue, especialmente no que diz respeito as vantagens associadas a essa prática.

Para isso, é importante apresentar, de forma breve, os conceitos relacionados às memórias, que na neurociência são amplamente estudados e classificados em duas categorias principais: long-term memory (memória de

longo prazo) e short-term memory (memória de curto prazo). Vasconcelos e Albrecht (2011, apud Silva, Santos e Santos, 2024) classificam a memória de curto prazo responsável pelos acontecimentos mais recentes e está ligada a fatores temporários da informação. Já a de longo prazo é responsável pelo registro das lembranças, ou seja, os períodos prolongados, podendo durar dias, meses e anos.

E é a partir da memória de longo prazo que a concretização da aprendizagem está relacionada, pois ela está atrelada ao mecanismo fisiológico a partir da memória de longo de curto prazo.

Além de aprender e colocar em prática o conhecimento adquirido, o ser humano possui uma capacidade inata de resolver problemas, enfrentar desafios e interagir com o mundo de maneiras diversas e complexas (Amaral & Guerra, 2020). Para tanto, utiliza as funções executivas do cérebro, que, conforme definido por Amaral e Guerra (2020, p.83), correspondem a “circuitos neurais de distintas regiões do córtex pré-frontal, porção mais anterior do lobo frontal”.

As funções executivas do cérebro são essenciais para atividades como planejamento, tomada de decisões, controle das emoções e adaptação a situações novas. Elas permitem ao ser humano superar adversidades e alcançar seus objetivos. Quando as informações são repassadas para a região do córtex pré-frontal, essa área do cérebro reorganiza nossos pensamentos, emoções, sensações e outros aspectos. Esse processo possibilita que o indivíduo mantenha o foco na realização de suas tarefas, promovendo uma atuação eficiente e direcionada.

Além disso, o cérebro bilíngue apresenta vantagens significativas na resolução de problemas, especialmente devido à sua maior flexibilidade cognitiva e à capacidade de alternar entre diferentes sistemas de linguagem. Essas habilidades não se limitam à comunicação, mas também são aplicadas em outras áreas, como o pensamento crítico e a tomada de decisão.

De acordo com Bialystok (2008, p. 5), "se a produção bilíngue exige o envolvimento constante do sistema de controle executivo para gerenciar a atenção à língua alvo, é possível que essa experiência fortaleça o sistema, tornando-o mais robusto para outras funções." ⁴ Tal constatação evidencia que o bilinguismo não apenas contribui para o desenvolvimento linguístico, mas também potencializa capacidades cognitivas fundamentais para diversas atividades do cotidiano.

O PAPEL DAS EMOÇÕES POSITIVAS E A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DO INGLÊS

A neurociência confirma que emoções positivas liberam neurotransmissores, como a dopamina, que desempenham um papel crucial na facilitação da formação de memórias e na criação de conexões neurais. Por outro lado, a motivação desempenha um papel essencial na aprendizagem de um novo idioma, pois ela influencia diretamente a atenção, a persistência e o engajamento do aluno durante o processo. Quando motivados, os estudantes tendem a se expor mais à língua, praticar com maior frequência e superar desafios com resiliência, o que acelera a aquisição do idioma e torna o aprendizado mais eficaz e significativo. No entanto, é um grande desafio para o docente despertar tais emoções nos alunos, considerando que cada indivíduo responde de maneira única aos estímulos. Para Relvas (2012, apud Silva, Santos e Santos, 2024), as emoções dos indivíduos devem ser consideradas, e o mesmo se aplica aos educandos. Quando se trata da relação entre motivação e a aprendizagem da língua inglesa, ou até mesmo de outras línguas adicionais, Gardner (2006) esclarece que a motivação não é uma construção simples. O autor afirma que “ela não pode ser medida por uma escala; talvez toda a gama de motivação não possa ser avaliada nem mesmo por três ou quatro escalas.” (GARDNER, 2006, p. 2) Ou seja, a motivação é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve fatores internos, como interesses e objetivos pessoais, e fatores externos, como o ambiente de aprendizagem e o papel do professor. Reconhecer essa complexidade é fundamental para que o docente desenvolva estratégias que despertem e sustentem o interesse dos alunos, promovendo um aprendizado mais eficaz e significativo.

Essa singularidade torna essencial a adoção de abordagens diversificadas e personalizadas no ambiente educacional, a fim de atender às necessidades emocionais e cognitivas de cada estudante. “O docente que atua apoiado pela ciência permite uma educação com mais estrutura e conceituada, compreende melhor as dificuldades, os anseios, a identidade cultural dos estudantes. (Silva, Santos e Santos, 2024, p. 7)

Mas de que modo às emoções positivas podem contribuir para uma abordagem e aprendizagem positiva para o indivíduo que está aprendendo inglês como língua adicional?

É importante destacar que, assim como qualquer outra língua, o inglês é uma língua rica, repleta de regras e particularidades. As questões fonéticas e fonológicas, em especial, frequentemente representam um desafio significativo para o aprendiz brasileiro, devido às diferenças entre os sistemas sonoros das duas línguas. É válido também destacar para o estudante que não existe, hoje em dia, uma língua inglesa mais rica ou importante do que a outra, qual é a mais certa, qual tem o melhor sotaque.

Romper com padrões já estabelecidos e enraizados é essencial para ajudar o adolescente que estuda a língua inglesa a desenvolver maior confiança no processo de aprendizagem do idioma.

A POTENCIALIDADE DO BILINGUISMO NA ADOLESCENCIA

A adolescência é uma fase marcante e desafiadora na vida de qualquer indivíduo, caracterizada pela transição da infância para a vida adulta. Esse período é especialmente complexo devido às intensas mudanças corporais, como o desenvolvimento físico e hormonal, que muitas vezes geram inseguranças e questionamentos. Além disso, o amadurecimento mental e emocional acompanha a busca por identidade e autonomia, enquanto novos desejos e interesses começam a se manifestar, desafiando as estruturas familiares e sociais. Segundo Bialystok (2008, p.7), "através de uma ampla variedade de estudos que investigam diferentes habilidades, fica claro que o bilinguismo é uma experiência que tem consequências significativas para o desempenho cognitivo".⁵

É importante destacar que, nessa faixa etária, os adolescentes já possuem um conhecimento de mundo mais amplo, o que lhes proporciona um repertório enriquecido. Nessa fase da vida, eles demonstram maior autonomia ao identificar os caminhos mais adequados para aprender conteúdos escolares ou explorar elementos relacionados aos seus interesses pessoais. Amaral e Guerra (2020) destacam que, ao compreenderem seu papel como protagonistas, os estudantes têm a liberdade de escolher as formas mais eficientes e eficazes para seu desenvolvimento acadêmico, utilizando a metacognição como ferramenta que auxilia no processo de aprendizagem.

No quesito linguístico e cultural, adolescentes bilíngues possuem a capacidade de desafiar paradigmas e enxergar o mundo sob diferentes perspectivas. Isso ocorre porque língua e cultura estão intrinsecamente conectadas, e o domínio de mais de um idioma proporciona não apenas habilidades comunicativas, mas também um entendimento profundo e sensível de outras culturas. Essa compreensão transcultural expande horizontes, fomenta a empatia e prepara os jovens para se tornarem cidadãos globais, capazes de atuar em um mundo cada vez mais interconectado.

Além disso, diversos estudos científicos indicam que o cérebro bilíngue apresenta benefícios significativos para a saúde cognitiva, incluindo o adiamento do surgimento de doenças degenerativas, como o Alzheimer. A prática constante de alternar entre dois idiomas estimula diferentes áreas do cérebro, fortalecendo conexões neurais e promovendo maior plasticidade cerebral.

A adolescência, portanto, não é apenas uma etapa de desafios e descobertas individuais, mas também um período em que experiências enriquecedoras podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e emocional. O bilinguismo, por exemplo, surge como uma ferramenta poderosa nesse contexto, ao estimular habilidades como flexibilidade mental, memória e capacidade de resolução de problemas. Dessa forma, investir na aquisição de uma segunda língua durante a adolescência pode contribuir não apenas para o desenvolvimento acadêmico e social, mas também para o fortalecimento de habilidades cognitivas essenciais para a vida adulta.

O PAPEL DOS PROFESSORES NA CONTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS NO AMBIENTE BILÍNGUE

No contexto acadêmico atual, o professor deixou de ser o centro do saber. O papel do docente vai além de apenas transmitir conteúdos, pois, como afirma Freire (1996, p. 27), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Especialmente no caso do professor de línguas adicionais, sua atuação não se limita ao ensino de gramática ou à tradução de termos e textos. Nesse cenário, é essencial que o professor tenha uma base sólida sobre como seus alunos aprendem. O conhecimento da neurociência torna-se fundamental para compreender as funções mentais relacionadas à aprendizagem, bem como as interações entre cognição, motivação e emoção, identificando potencialidades, dificuldades e limitações do processo. No ambiente bilíngue, esse profissional assume a responsabilidade de mediar o desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos, orientando-os a navegar entre duas línguas e culturas distintas.

Para que esse objetivo seja alcançado, é fundamental que os professores estejam bem preparados para motivar os alunos na aquisição e aprendizado da língua-alvo. Como afirmam García e Kley (2016), é necessário que os docentes estejam devidamente capacitados não apenas para estimular o desenvolvimento das competências plurilíngues dos alunos, mas também para lidar com a diversidade linguística presente em sala de aula, acolhendo estudantes que possuem diferentes práticas de uso da língua materna e distintos níveis de proficiência bilíngue. Esse preparo é essencial para garantir um ambiente inclusivo e promover uma aprendizagem mais significativa e equitativa. Não basta simplesmente entrar em sala de aula e se comunicar na língua-alvo sem o devido planejamento e preparo, pois essa abordagem, por si só, não caracteriza um ambiente verdadeiramente bilíngue.

E ao entender que o professor funciona como mediador da aprendizagem e não como o centro do saber, a adoção de metodologias ativas se torna fundamental para o sucesso do ensino bilíngue. Essas metodologias não apenas tornam o aluno protagonista do seu próprio aprendizado, mas também o motivam a se engajar de maneira mais profunda no processo de aquisição da língua. Como afirmam Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas buscam transformar a sala de aula em um ambiente interativo, onde o estudante participa ativamente da construção do conhecimento, por meio de atividades como projetos, debates, jogos educativos e resolução de problemas. E quando se trata do ensino de línguas adicionais, essas metodologias rompem com o paradigma do ensino tradicional, que se limita ao ensino de gramática, vocabulário e interpretação de textos, proporcionando um contexto no qual o aluno utiliza a língua de forma prática e significativa.

Além disso, essas metodologias, ao promoverem um ambiente de aprendizagem interativo, favorecem a estimulação do cérebro bilíngue e se alinham ao conhecimento da neurociência, que destaca a importância de estratégias pedagógicas no desenvolvimento das funções mentais envolvidas no processo de aprendizagem. Nesse sentido, evidencia-se que as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, aliadas ao conhecimento da neurociência aplicada em sala de aula, constituem um recurso poderoso no processo de ensino e aprendizagem. Amaral e Guerra (2020, p.36) destacam que "as estratégias pedagógicas utilizadas por educadores nos processos de ensino e aprendizagem são estímulos que promovem o aprimoramento das funções mentais, reorganizando o sistema nervoso e possibilitando a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e atitudes".

Esse tipo de abordagem é fundamental para estimular o cérebro bilíngue, especialmente ao trabalhar com alunos adolescentes. Nessa faixa etária, a motivação para aprender se torna mais eficaz quando há a oportunidade de colocar o conhecimento de forma prática. Estudos apontam que o aprendizado de duas ou mais línguas ativa diferentes áreas do cérebro, promovendo maior plasticidade neuronal e melhor controle cognitivo para de resolução de problemas e concentração (Bialystok, Craik e Luk 2008). No caso de alunos bilíngues, o cérebro se torna mais ágil na alternância entre idiomas, o que fortalece sua capacidade cognitiva em diversas áreas. Além disso, a exposição constante a dois idiomas ativa áreas cerebrais que favorecem a flexibilidade mental, o que é extremamente benéfico para o processo de aprendizagem, tanto de línguas como de outras disciplinas. O professor, ao utilizar metodologias ativas, tem a chance de motivar seus alunos, não apenas oferecendo um ensino mais dinâmico e diversificado, mas também explorando as capacidades cognitivas do cérebro bilíngue. Ao proporcionar atividades que exigem o uso prático do idioma em

contextos reais, o docente não só ensina uma língua, mas também facilita a adaptação do cérebro do aluno a esse novo conhecimento, incentivando-o a usar a língua de maneira criativa e eficiente.

Portanto, para que o ambiente bilíngue seja verdadeiramente eficaz, o professor deve adotar um papel de facilitador, criando oportunidades para que os alunos construam seu conhecimento de forma ativa e significativa. Ao empregar metodologias que engajam tanto o aspecto emocional quanto cognitivo dos alunos, ele promove não apenas o aprendizado da língua, mas o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais que são fundamentais no processo educacional.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou um panorama abrangente acerca do poder do cérebro bilíngue, enfatizando a relevância das emoções e da motivação no processo de aprendizagem, sobretudo durante a adolescência. Nesse contexto, analisaram-se os benefícios e a eficácia da aquisição da Língua Inglesa no cérebro adolescente, destacando a importância de abordagens que integrem fatores emocionais ao desenvolvimento linguístico.

A literatura em neurociência aponta que as emoções positivas exercem um papel central na formação de memórias e no fortalecimento de conexões neurais, constituindo-se, assim, em aliados fundamentais no enfrentamento dos desafios inerentes à aprendizagem de uma nova língua, como as questões fonéticas e fonológicas. De acordo com Finger (2024), conforme o indivíduo usa intensamente seu repertório linguístico, ele melhora sua competência na L2. Com isso, o esforço cognitivo entre suas línguas se equilibra, pois o desempenho na L2 exige menos esforço mental. Esse processo evidencia que a aprendizagem de uma segunda língua, quando mediada por experiências emocionalmente positivas, torna-se mais eficiente e sustentável.

Entretanto, para que essa abordagem seja efetiva, torna-se imprescindível que os docentes adotem práticas pedagógicas diversificadas e personalizadas, respeitando a singularidade de cada estudante. Além disso, é fundamental a criação de ambientes de aprendizagem que estimulem a curiosidade, a autonomia e a autoconfiança dos alunos. A afetividade e a motivação, portanto, devem ser compreendidas como pilares estruturantes do processo de ensino-aprendizagem, e não meramente como fatores acessórios.

A desconstrução de padrões e estereótipos linguísticos, como a valorização exclusiva de determinados sotaques ou variantes do inglês, revela-se essencial para a construção de um espaço educacional mais inclusivo e acolhedor. Promover essa desconstrução permite ao aluno reconhecer-se enquanto sujeito multilíngue e multicultural, legitimando sua identidade e trajetória linguística. Nesse cenário, o docente assume o papel de mediador emocional e cultural, sensível às dificuldades e aspirações dos estudantes, fortalecendo sua identidade e sua motivação para a aprendizagem.

Em suma, o ensino da Língua Inglesa fundamentado nos princípios da neurociência emocional e no respeito à diversidade linguística configura-se como uma prática pedagógica não apenas eficaz, mas também eticamente comprometida com a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de atuar de maneira ética e reflexiva em uma sociedade globalizada e intercultural. Reconhecer o cérebro adolescente como um território de intensas transformações e potencialidades é, portanto, condição essencial para o desenvolvimento de práticas educativas mais humanizadas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luiza Neiva; GUERRA, Leonor Bezerra. *Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem*. SESI - Departamento Nacional, 2020.

BACICH, Lília; MORAN, José. (2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Penso.

BIALYSTOK, Ellen. *Bilingualism: The good, the bad and the indifferent. International symposium on bilingualism lecture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BIALYSTOK, Ellen; LUK, Gigi; CRAIK, Fergus. Cognitive Control and Lexical Access in Younger and Older Bilinguals. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 34, n. 4, p. 859–873, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/5246894>. Acesso em: 8 março. 2025.

FINGER, Ingrid. *Bilinguismo, biliteracia e alfabetização bilingue*. Lectura y Signo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.49, p.26-40, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Digitalizado em 2002.